



Expresso, 21 de janeiro de 2017

OPERAÇÃO MARQUÊS

# Como os “Panama Papers” revelaram o esquema de dissimulação

Dois **contratos forjados** justificaram as transferências do dinheiro que foi alegadamente para **José Sócrates**

MICAEL PEREIRA

No interrogatório a que foi sujeito em Lisboa este mês, Hélder Bataglia negou que alguma vez tivesse feito qualquer trabalho — ele ou uma das suas muitas sociedades — para uma companhia *offshore* chamada Pinsong. O empresário luso-angolano também negou que alguma vez tivesse feito qualquer espécie de consultoria relacionada com a obtenção de concessões de exploração de petróleo em Angola, tirando o caso isolado do bloco 18, a que esteve ligado através da Escom, o braço não-financeiro do Grupo Espírito Santo (GES) para África, de que foi fundador e presidente. Porque é isto importante? Porque a Pinsong foi usada para justificar formalmente os milhões de euros que, alegadamente, Ricardo Salgado fez chegar a José Sócrates no caso de corrupção “Operação Marquês”. O depoimento sobre o assunto feito agora por Bataglia ao Ministério Público reforça o que os “Panama Papers” já revelavam sobre dois contratos de consultoria aparentemente relacionados com a exploração de petróleo em Angola e que permitiram suportar junto do *compliance* da UBS, na Suíça, transferências bancárias de 22 milhões de euros do saco azul do GES para Hélder Bataglia. Esses contratos foram forjados, de acordo com o que Expresso revelou num artigo publicado a 16 de julho de 2016. Agora Bataglia admitiu ao Ministério Público que isso foi mesmo assim.

A Pinsong foi um veículo especial criado pela Espírito Santo Enterprises — uma companhia *offshore* criada em 1993 que funcionou como um gigantesco saco azul do GES — de propósito para estabelecer apenas esses dois contratos de consultoria com uma companhia *offshore* de Hélder Bataglia, a Markwell International.

Na base de dados dos “Panama Papers”, a fuga de informação obtida pelo jornal alemão “Süddeutsche Zeitung” e coordenada pelo Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação (ICIJ), de que o Expresso é parceiro, é possível perceber que, ao longo dos seus mais de 20 anos de existência, a Espírito Santo Enterprises só por duas vezes criou veículos especiais. Um dessas ocasiões foi no final de junho 2007, quando Chantal Farina, uma funcionária da Espírito Santo Services, uma empresa fiduciária do GES na Suíça, encomendou à operadora de *offshores* Mossack Fonseca a compra de uma *shelf*, um tipo especial de companhias *offshore*, com uma data de criação mais antiga. À superfície, olhando apenas para os documentos de incorporação, essa *shelf*, a Pinsong, surge como tendo sido criada pela Espírito Santo Enterprises



Em cima, primeira página do Expresso de 16 de abril de 2016 em que Bataglia admitia que 12 milhões de euros do caso Sócrates vinham do saco azul do GES. Em baixo, o artigo de 16 de julho que expôs como foram justificadas as transferências

a 2 de janeiro de 2007 quando a realidade, por aquilo que revelam as trocas de *e-mails* com a Mossack Fonseca, isso aconteceu seis meses depois. A 16 de julho, outra funcionária da Espírito Santo Services, Anne-Claude Deriaz, enviou a Mossack um primeiro contrato entre a Markwell e a Pinsong para ser assinado. Ia com a data de 2 de janeiro e tinha o valor de sete milhões de euros. Depois, em abril de 2008, foi encomendado um novo contrato, muito mais pomposo, no valor de 15 milhões de euros e repartido em três *tranches* de cinco milhões, com assinaturas postas como se tivesse sido feito a 30 de novembro de 2007. Nessa altura, em abril, o objeto formal do contrato, uma consultoria para um concurso público lançado pela Sonangol, a empresa petrolífera angolana, já nem fazia sentido porque o concurso foi suspenso.

Em julho do ano passado, no artigo sobre a Pinsong, o Ex-

presso publicou que a Markwell recebeu 17 milhões de euros com base nos dois contratos. Agora, novas informações recolhidas através de fontes cruzadas permitem concluir que foi pago um total de 22 milhões de euros, já que havia uma *success fee* de cinco milhões de euros que estava dependente de as concessões de petróleo em causa serem atribuídas à Pinsong. Mas, apesar de o concurso ter sido suspenso e anulado pela Sonangol, os cinco milhões extra foram pagos na mesma, em maio de 2009. De resto, as transferências anteriores a essa, de uma conta em nome da Espírito Santo Enterprises no Banque Privé Espírito Santo, na Suíça, para uma conta da Markwell na UBS, coincidem com os momentos críticos dos *e-mails*. Sete milhões foram transferidos em julho de 2007, cinco milhões em abril de 2008 e outros cinco milhões em junho desse ano.